

SOBRE LINGUAGEM E A “LIBERDADE DAS ALMAS” ENTREVISTA COM JOSÉ LUIZ FIORIN

Adriana Beloti *
Jacqueline Sanches Vignoli **

A entrevista com o Professor José Luiz Fiorin foi realizada em dezembro de 2016, por ocasião de sua palestra no VII SELLF – Seminário de Estudos Linguísticos e Literários, promovido pelo Curso de Letras da UNESPAR/Campus de Paranaguá. Considerando uma de suas últimas publicações de 2016, o artigo *Identidade nacional e exclusão racial*¹, objetivamos tratar de elementos relacionados à língua(gem) e à produção de sentidos nos textos como, por exemplo, a exclusão racial. Além disso, discutimos sobre alguns aspectos da formação de professores nos Cursos de Graduação em Letras, estabelecendo um paralelo a partir dos estudos linguísticos. Ao final, Fiorin registra sua defesa à valorização dos Cursos de Letras e à profissão do professor de línguas.

O Professor José Luiz Fiorin fez livre-docência em Teoria e Análise do Texto na Universidade de São Paulo; cursou Pós-Doutorado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales e na Universidade de Bucareste; Doutorado e Mestrado em Linguística, pela Universidade São Paulo. Hoje, é professor associado do Departamento de Linguística da FFLCH da Universidade de São Paulo. Suas principais experiências são em Teoria e Análise Linguística e temas relacionados à enunciação.

Iniciando nossa entrevista, vamos tratar do tema específico de seu artigo *Identidade nacional e exclusão racial*. Um dos aspectos que podem ser destacados neste texto é a relação, materializada em alguns romances, entre a identidade brasileira e a exclusão: por meio da análise da linguagem usada, é possível perceber uma exclusão velada. Os romances são tidos como não racistas, mas, na verdade, a linguagem revela a exclusão. Queremos que o professor fale sobre a importância da materialidade linguística para as reflexões que transcendem os aspectos que são da ordem da língua. A partir da materialidade da linguagem, como relacionamos com outros elementos que não são apenas linguísticos?

José Luiz Fiorin: Os estudos sobre a linguagem debruçam-se sobre dois aspectos distintos, complementares, e os dois são igualmente importantes: um é a língua e o outro é o discurso. O discurso é o resultado de um ato de enunciação, e eu posso estudar a língua, estudando morfologia e sintaxe. Nesse momento, não tenho, ainda, nenhuma preocupação com o uso social que se faz da linguagem. No entanto, quando estudo o discurso, que é o resultado de um ato enunciativo, estudo as diferentes concepções que existem na sociedade. Uma coisa interessante: durante muito tempo falava-se em

estudar ideologia, mas a ideologia só existe no discurso, não existe fora do discurso. Portanto, é na linguagem que estudo as diferentes concepções ideológicas que existem numa dada formação social. Um analista de discurso, evidentemente, não está interessado, como alguns que não fazem bem análise de discurso, em fazer paráfrase, porque para fazer paráfrase não precisa de analista de discurso, um falante comum, quando entende um texto, parafraseia-o, para dizer que entendeu o texto. Um analista de discurso vai além: tem que mostrar como os mecanismos linguísticos são usados para criar determinadas concepções. Então, no caso deste texto a respeito de identidade nacional e exclusão racial, observo que, em primeiro lugar, as identidades nacionais foram construídas a partir do século XVII, antes disso não existe nação. Muitos afirmam que a França e a Itália constituíram-se como países muito longinquamente. Contudo, de fato, a Itália é mais nova que o Brasil; não existia Itália, existia o Estado do Vaticano, a Sereníssima República de Veneza, o Ducado de Milão e assim por diante. O que foi criado a partir do século XVII foi uma identidade nacional que, na maior parte dos casos, foi inventada. Dizem que a Itália descende do Império Romano. Como descende do Império Romano? O início do Império Romano foi há muito tempo, mas a ligação que se estabeleceu é, em sua maior parte, resultado de uma construção e a linguagem teve um papel muito importante nessa construção. Ora, o Brasil, junto com outras nações americanas, foi uma das primeiras construções fora da Europa de nação e tínhamos que criar uma história para nós, já que não a tínhamos porque não sabíamos nada da história dos índios, os portugueses invadiram o Brasil. A literatura teve um papel muito importante nisso. O Guarani, por exemplo, cria uma concepção de identidade nacional, uma identidade luso-tupi. Luso-tupi por quê? O que é o Guarani? No Guarani, existe a casa de Dom Antônio de Mariz, que representa o edifício da colonização, e esse edifício é atacado de dentro pela ganância dos portugueses, capitaneados por um ex-frade carmelita, que é Loredano, e pelos Aimorés que representam os elementos da natureza que atacavam o edifício colonial. Diante das ameaças, Dom Antônio de Mariz diz a Peri que, se ele fosse batizado, o deixaria levar Ceci consigo. Peri aceita ser batizado e recebe o nome de Antônio. Então, é um indígena que aceitou os valores cristãos; Ceci vai com ele

e começa a vê-lo como homem e, então, ele não é mais o seu escravo. No final, há um dilúvio, ele arranca uma palmeira e os dois, que são o casal ancestral brasileiro, perdem-se no horizonte, que é o horizonte do Brasil. Ora, o que um analista de discurso deve fazer? Primeiro: mostrar que não existe pureza na identidade brasileira, que a identidade brasileira é feita por um mecanismo de mistura e essa mistura funde, de um lado, os valores do velho mundo e os valores do novo mundo. Os valores da natureza do novo mundo e os valores da cultura do velho mundo. Então, fundem-se esses dois elementos para criar essa identidade mestiça, que é a identidade brasileira. Nesse momento, por que não era possível incorporar os negros? Porque todo o início de uma civilização tem que ser um início glorioso e os negros eram escravos no Brasil e, portanto, era preciso excluí-los da formação da nacionalidade. Contudo, essa ideia de mistura continua e, no século XX, tivemos o segundo momento de construção da identidade nacional: o momento em que se diz que o Brasil é produto de três raças: os negros, os índios e os brancos. Então, há, sempre, na verdade, essa ideia de mistura, até a concepção de língua portuguesa falada no Brasil é uma concepção baseada na mistura. Alencar mostra, em uma passagem de *O Guarani*, que Álvaro via Peri falar e disse: “mas, onde esse selvagem aprendeu essa poesia?”. O narrador diz “essa língua é uma língua modificada pelos aspectos da natureza”. Quer dizer, é o português, mas é o português modificado pelos aspectos da natureza brasileira. Alencar foi acusado pelos escritores portugueses e pelos brasileiros lusitanizantes de ser um autor que cometia muitos erros e Alencar discutiu porque conhecia as concepções de Herder². Ele dizia não, a língua que falamos no Brasil é o português, mas é um português diferente, modificado pelas asperezas e pela suavidade da natureza americana. Ou seja, um analista de discurso estuda esses mecanismos semânticos que criam, que materializam a ideologia. A linguagem, o discurso é a materialização da ideologia.

Considerando que, em algumas disciplinas do Curso de Letras trabalhamos com a concepção de que a linguagem não nomeia a realidade – ou seja, com a ideia de que a mesma realidade, a partir de experiências culturais diversas, é categorizada diferentemente pelos seres humanos – as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo. Então, queremos que o professor

tematize sobre isso, mesmo considerando que alguns aspectos já foram tocados em sua primeira resposta.

José Luiz Fiorin: Neste caso, há um aspecto diferente: na verdade, a realidade existe fora da linguagem, no entanto, nós só percebemos essa realidade por intermédio da linguagem. Ou seja, a realidade só tem sentido para os seres humanos quando é expressa linguisticamente. Então, na verdade, a língua pode até falar de coisas que não existem, por exemplo, falamos de pôr e nascer do sol e encantamo-nos com o pôr e o nascer do sol em muitos dias, mas todos nós sabemos que o pôr e o nascer do sol não existem, que a Terra gira e, portanto, chega um momento em que a Terra se volta para o lado do sol e um outro momento em que se volta para o lado contrário do sol. No entanto, nós falamos em nascer e pôr do sol, isto é, a linguagem categoriza a realidade, a linguagem faz a realidade significar para nós. E, portanto, não existe nenhuma percepção do mundo fora dos quadros da linguagem. Sapir dizia que, por exemplo, as línguas indo-europeias têm duas categorias que são centrais no léxico: o nome e o verbo. O nome indica os seres e o verbo indica os processos. Então, o mundo é visto como um conjunto de coisas e essas coisas podem ter um processo. Ocorre que em hopi, a língua indígena norte-americana que ele havia estudado, segundo Sapir: “não existem coisas, só existem processos”. Se ele analisou bem essa língua, é uma coisa interessante pensar que as coisas, por exemplo, uma árvore, são vistas como processos, como se fossem verbos, isso é uma outra forma de ver o mundo. Ora, Jakobson, depois, discutindo essa questão, diz que não é que eu sou obrigado a pensar com as categorias da minha língua, mas é que, quando eu aprendo a falar uma língua estrangeira, eu aprendo a ver o mundo de outra maneira. Portanto, posso pensar de outra maneira diferente daquela da minha língua. Contudo, a minha língua leva-me a acostumar-me com certas categorias do pensamento, por exemplo, uma coisa interessante: em português, todas as palavras têm um gênero – masculino ou feminino; em inglês também, porém, como o inglês não tem marca de gênero, na concordância, o gênero só aparece quando substituo uma palavra por *he*, *she* ou *it*. Portanto, um falante nativo de inglês não está acostumado a pensar na categoria de gênero como estamos acostumados a pensar. Desse modo,

sempre a concordância de gênero é um problema extremamente complicado para um falante do inglês que aprende português, francês ou outra língua românica qualquer. Assim, a língua é uma forma de categorizar o mundo, a língua é uma forma de perceber a realidade, porque se a realidade não fosse categorizada pela língua, haveria correspondência de um para um nas diferentes línguas. Ou seja, uma palavra do português teria que corresponder exatamente à mesma palavra do inglês, contudo, não é assim. A palavra “terra”, por exemplo, em português pode ser o planeta que nós habitamos, em inglês *Earth*; pode ser o chão, em inglês *ground*; eu digo: “não pegue uma coisa da terra”. Há mais uma palavra, *land*. Por exemplo: “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá”. A terra em que eu nasci em inglês é *land*, não é *Earth*, não é *ground*. A mesma coisa pode acontecer, por exemplo, no caso de eu ter uma palavra em inglês que corresponde a duas, três em português. Outro dia, um professor francês disse: “quando eu cheguei no aeroporto, eu vi que agora existe um tapete rolante”. Entendi, perfeitamente, o que ele queria dizer, contudo, em português, não chama “tapete rolante”, em francês chama-se *tapis roulant*, mas em português chama-se “esteira rolante”. Então, aprender uma língua é muito complexo; são esses detalhes de categorização do mundo que temos que aprender. E isso diz respeito, também, à diferença dos sons, por exemplo, em francês as anteriores são arredondadas e não arredondadas, logo, há uma diferença entre *la vue* (a visão), *la vie* (a vida), *bleu* (azul), *blé* (trigo), *peur* (medo), *père* (pai). Mas isso eu só vou perceber depois de muito tempo de aprendizagem. Sou acostumado a pronunciar o /i/ sempre não arredondado como faz o português, sempre.

Em vários de seus livros, encontramos conceitos que tratam da importância da Linguística para pensar o ensino de Línguas, seja de Língua Portuguesa, seja de Língua Inglesa. Entretanto, não ensinamos apenas língua, ensinamos, também, literatura a partir dessa materialidade linguística, da materialidade da linguagem. A partir disso, pedimos que o professor fale da importância da Linguística e de seus conceitos, da relevância de estudar Linguística no curso de Letras, pensando na formação de professores.

José Luiz Fiorin: Na verdade, um professor de Língua Portuguesa ou de Língua Inglesa é um professor que tem que ampliar a competência linguística do aluno. No caso de língua inglesa, na verdade, trata-se de criar essa

competência, não de ampliar. Mas, no caso de língua portuguesa, trata-se de ampliar a capacidade de linguagem, uma vez que estamos trabalhando com falantes nativos. Então, pensamos: o que é a literatura? A literatura é um fato particular de linguagem. No entanto, criou-se uma cisão entre a área de literatura e a área de língua e linguística, e eu não tenho esperança de que isso se resolva. A literatura foi alguma coisa muito mais importante, não esqueçamos de que, para eu falar de construção de identidade nacional, tenho que falar da literatura romântica ou da literatura modernista. Hoje, a literatura não tem mais o mesmo papel que tinha. Isso criou, de um lado, um desprezo pela literatura, da parte dos professores de linguística, e, do lado dos professores de literatura, há um olhar de certo desprezo pela linguística, achando que a linguística não tem nada a dizer a respeito da literatura. Ora, acho que um professor de língua tem que entender perfeitamente os mecanismos da linguagem e os mecanismos do discurso e entre os discursos o da literatura para ampliar a capacidade de linguagem de seu aluno. É importante estudar fonologia, pois, de repente, eu encontro um aluno que troca o /v/ pelo /f/ o /g/ pelo /k/, etc., e o professor não sabe sequer qual a constante da troca, que ele está trocando sonora por surda e fazer uns exercícios para discriminar bem esses elementos. Isto é, nossos cursos de licenciatura, hoje, sofrem de um defeito: nós preparamos nossos alunos teoricamente, mas não os preparamos para usar os elementos teóricos que ensinamos, como se isso fosse evidente. Então, deixamos na mão de pedagogos. Por exemplo, na USP, o curso de Letras dá um bacharelado e o aluno faz licenciatura na Faculdade de Educação, onde se unem alunos de Letras e de Química para dar um curso de Didática. Ora, cada disciplina tem uma especificidade e, por isso, existe linguística aplicada. Essa é uma disciplina pedagógica do curso de Letras. Penso que o curso de Letras deveria ser assim: cabe à linguística dar os conceitos e os métodos pra estudar as línguas e à teoria literária os conceitos e os métodos para estudar as literaturas. As duas, a linguística e a literatura, deveriam estar em relação, mas isso é pedir demais. Um currículo orgânico deveria ter a linguística e a teoria literária como as duas disciplinas teóricas e, a partir da linguística, se estudaria o funcionamento do inglês, do espanhol, do português ou de qualquer outra língua. Já o estudo das literaturas norte-

americana, inglesa, portuguesa, moçambicana, angolana, brasileira, entre outras, seria feito a partir da teoria literária. Mas nossos cursos de Letras, na verdade, não são bem organizados assim.

Como linguistas, gostaríamos que comentasse a respeito das principais mudanças pelas quais a Linguística tem passado. Ao olharmos alguns de seus livros, por exemplo, percebemos sua trajetória por diversas linhas, com obras que versam sobre temas diversos. Em contrapartida, nós, que fomos formados há pouco tempo e estamos começando nossas pesquisas, em geral, tendemos a encastelar nossos trabalhos em pequenas ilhas. Ao olharmos sua trajetória, gostaríamos que falasse sobre o modo como as pesquisas em Linguística acontecem hoje.

José Luiz Fiorin: Acho que essa amplidão deriva da minha idade, sabe por quê? Fui professor e, se não tivesse me aposentado, neste ano estaria completando 50 anos de magistério, mas fui 40 e tantos anos professor e, portanto, acho que deu tempo de ler coisas que uma pessoa que está há pouco tempo não teve tempo de ler. Mas, por outro lado, vocês têm razão quando dizem que a linguística está se encastelando em pequenos feudos. É claro que a produção científica aumentou demais e não temos mais tempo de ler tudo, sequer na área em que atuamos. Quando olho, por exemplo, uma pessoa falando em fonologia, hoje, eu não entendo mais, porque a fonologia que eu aprendi era a fonologia estrutural e, depois, a primeira fonologia gerativa e, depois, não tive mais tempo de acompanhar. Até gostaria de acompanhar. Então, a produção científica agigantou-se, de tal forma, que fica difícil acompanhar. Porque Saussure foi quem guiou os meus primeiros estudos, foram na época do estruturalismo meus primeiros estudos de linguística. Os demais foram a partir de Benveniste, todas as coisas sobre enunciação, semiótica, etc. Sempre estive interessado em aspectos do discurso. Agora, se é uma verdade que a quantidade da produção científica limita a capacidade de a gente sair de uma área, existe uma atitude que a gente não pode ter: é a atitude da arrogância, de achar que a área que a gente escolheu é "a" verdade. Não existe "a" verdade em ciência! A ciência sempre dá explicações provisórias de dados da realidade. É claro que nós temos determinados consensos em determinados momentos, mas a ciência vai progredir sempre, porque chega um determinado momento em que algumas coisas já não são mais satisfatórias, porque isso não explica isso, isso não explica aquilo, isso não

explica aquele outro, etc., e eu tenho que ir propondo novas teorias. Porque se o objeto empírico na linguística é a linguagem, os objetos observacionais e objetos teóricos são muitos... Eu posso observar o som de diversas perspectivas. Então, há diversos objetos teóricos; podem-se observar os morfemas; pode-se observar o discurso; pode-se observar a variação; pode-se observar a mudança; podem-se observar os elementos universais da linguagem; os elementos particulares de cada língua. Todos esses elementos são importantes e não existe “a” verdade. Assim, não posso ser arrogante; ao contrário, tenho que ser humilde com as coisas que faço, porque o que estou fazendo é apenas uma parte dessa realidade tão grande, que é a explicação da linguagem humana. Por outro lado, é preciso ter respeito pelo que os outros fazem. Na universidade, duas atitudes, a de arrogância e a de desrespeito, com muita frequência, acontecem e isso a gente não pode ter. Embora eu ache que seja cada vez mais difícil a gente ter uma visão muito ampla da linguística, devemos procurar tê-la, mas é muito difícil, dada a quantidade de publicações que temos em cada área, no mundo todo, mas uma coisa eu não posso perder: a humildade diante do conhecimento. Não posso também perder o respeito pelos que estudam de outros pontos de vista teórico, de outros pontos de vista observacionais. Quer dizer, eu tenho muito respeito por quem faz discurso, mas tenho muito respeito por quem faz fonologia, morfologia, sintaxe, sociolinguística, psicolinguística e assim por diante.

Para finalizarmos, gostaríamos que falasse com estudantes dos cursos de Letras, para os quais sua trajetória acadêmica é uma inspiração.

José Luiz Fiorin: Faço um apelo. Penso que nós, quando nos relacionamos com colegas de outras áreas, especialmente, de áreas muito mais prestigiosas que a nossa, principalmente Medicina, Engenharia, Direito, Odontologia, parece que vemos a seguinte atitude de estudantes dessas disciplinas: de olhar para nós como se fossemos uns “pobres coitados” que, na verdade, não conseguiram fazer nada de mais importante, não conseguiram entrar em um curso em que o vestibular é mais concorrido e nos conformamos em fazer Letras. Ora, quando observo o que é a linguagem humana e o papel central que tem no desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades, não posso aceitar isso. A linguagem serve para eu informar e para eu ser informado; para

eu influenciar e para eu ser influenciado; para expressar minhas emoções – minha raiva, meu desprezo, meu desdém, minha alegria, minha felicidade. A linguagem serve para eu categorizar o mundo; a linguagem serve para eu apreender o mundo; a linguagem serve para eu falar da própria linguagem; a linguagem é uma forma de agir no mundo, quando uso um performativo, por exemplo, é uma forma de agir no mundo. A linguagem pode falar do que existe e descrever aquilo que existe para me informar, mas a linguagem pode falar do que não existe e, portanto, a linguagem tem uma função subversiva. Porque, com a linguagem, posso sonhar com uma realidade que não existe, posso construir utopias. Ora, se a linguagem é tudo isso, no momento em que eu sou professor de língua portuguesa, o que estou fazendo é ampliar a consciência e ampliar a capacidade de compreensão de meus alunos. Nesse momento, eu não posso achar que a linguagem seja uma coisa menor e que o curso de Letras seja uma coisa menor. Está certo que posso não ganhar tanto quanto ganha um engenheiro, mas não é uma coisa menor. Eu não queria ter feito Medicina, não queria ter feito Engenharia, até pensei um tempo em fazer Direito, mas, depois, entrei no curso de Letras e encantei-me de tal forma pelo curso de Letras que, há cinquenta anos, trabalho neste curso e é por esse motivo que eu tenho orgulho de ter feito Letras, é por esse motivo que me orgulho de, há cinquenta anos, trabalhar na área de Letras. Cecília Meireles tem um poema fantástico que se chama *Romance das palavras aéreas*, que está no *Romanceiro da Inconfidência*, no qual ela fala sobre o papel das palavras na sociedade humana e diz: “Ai, palavras, ai palavras,/que estranha potência, a vossa!”. Nesse poema, ela fala do poder que as palavras têm, poder para o bem e para o mal, ela diz: “A liberdade das almas,/ai! com letras se elabora.../E dos venenos humanos/sois a mais fina retorta:/frágil como o vidro/ e mais que o aço poderosa!”. Assim, vai mostrando o poder positivo e o poder negativo das palavras: com as palavras eu crio a liberdade das almas, mas com as palavras eu humilho, eu ofendo, a palavra pode ser vida e a palavra pode ser morte. Ora, neste caso, o que é um professor de português? Eu diria que é o professor da liberdade das almas e, portanto, não é uma coisa trivial ser professor da liberdade das almas. Por isso, eu me orgulho do curso de Letras e espero que os alunos tenham orgulho do curso de Letras. Por ter

orgulho do curso de Letras, é preciso que estudemos, nos preparemos, de fato, para ser bons professores da liberdade das almas.

NOTAS

* Adriana Beloti é doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e professora adjunta do Curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Campus de Campo Mourão. E-mail: dribeloti@gmail.com

** Jacqueline Sanches Vignoli é doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professora adjunta do Curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Campus de Campo Mourão. E-mail: jacqueline.vignoli@unespar.edu.br

¹ Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/5042/5360>>. Acesso em: 13 maio 2017.

² HERDER, Johann Gottfried. **Ensaio sobre a origem da linguagem**. Lisboa: Edições Antígona, 1987.

Recebido em: abril de 2017.
Aprovado em: janeiro de 2018.